

À guisa de prefácio ou das armadilhas
da memória

Márcio Antonio de Souza Maciel



Con los pobres de la tierra
Quiero yo mi suerte echar:
El arroyo de la sierra
Me complace más que el mar.

(José Martí)

Quando o aluno atento, porém, diferentemente dos seus colegas de sala, sempre festivos, no primeiro dia de aula de Literatura Hispano-americana, disciplina obrigatória em todo curso de Letras (Português/Espanhol), sério me perguntou, com um acento linguístico nativo paraguaio, se eu conhecia o poeta moderno espanhol Miguel Hernández (1910-1942) eu lhe respondi – surpreso, mas feliz pelo questionamento inusual para um acadêmico – que já havia lido alguma coisa, não muita, do escritor. No entanto, respondendo a ele, imaginava que na outra disciplina de Literatura Espanhola, com outro colega, também no curso, ele devesse conhecer e aprofundar-se mais.

O aluno, em questão, era Anuncio Martí, paraguaio, mas que vivia no Brasil já há algum tempo, e, para além da disciplina de Literatura Hispano-americana, conforme apontamos antes, fora meu aluno em Língua Espanhola I e II e, por fim, convivemos por dois anos entre 2017 e 2018, como meu orientando, no Mestrado em Letras, na área de Estudos Literários, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), na unidade de Campo Grande. O livro, que ora o leitor tem em mãos, *Miguel Hernández: lírica social e semente crítica no Brasil*, foi o resultado de sua dissertação de mestrado, defendida – e elogiada pelos membros que compuseram a banca avaliadora –, em dezembro de 2018.

Segundo apontamos anteriormente, seu texto, primeiramente, se volta para a recepção crítica do poeta, no nosso país, uma vez que “[...]o poeta é praticamente desconhecido no Brasil. Mesmo dentro das academias de Línguas e Literaturas hispânicas [nacionais], o seu nome e a sua obra são pouco estudados”. Em segundo lugar, por fim, inserido na “*Generación del 27*”, na Espanha, como não poderia dei-

zar de ser, as questões sociais assim como o foram para Federico García Lorca (o nome mais lembrado e estudado do grupo de artistas vanguardistas espanhóis) para Miguel Hernández, o contemporâneo menos conhecido do poeta granadino, igualmente, serão tratadas por meio de sua poética ou “*lirica hermandiana*”, como prefere bem nomear o autor do texto. Dividido em quatro capítulos, a saber: o primeiro, biográfico; o segundo, sobre a sua recepção crítica no Brasil; o terceiro, diálogos e “conversas” poéticas e literárias com outros escritores; o quarto, por derradeiro, para mim, o melhor de todos, “Vida, amor, morte e um único resplendor: a poesia social na *lirica hermandiana*”, a pesquisa consegue fazer justiça e, por fim, trazer à luz um poeta tão pouco estudado no universo hispânico (dentro, no entanto, fora do Brasil, também).

Com seu trabalho, finalmente, Anuncio Martí, que não é o famoso escritor cubano que lutou (tanto com armas quanto com caneta e papel) pela independência de seu país insular, no século XIX, o último reduto do império espanhol nas américas, igualmente, no século XXI, luta pelas suas guerrilhas pessoais – e que não são de pequena monta –, porém, que abarcam todos/as nós latino-americanos/as (hispano e lusoparlantes), mestiços e trabalhadores, que somos todos os dias postos à prova, em um mundo tão desigual. Exorto e convido a que todos/as façamos um brinde (com água, com *ron* ou com aguardente), com a bebida que mais lhes aprouver no gosto, em lembrança de todos/as revolucionários/as que lutaram e lutam para que este mundo seja menos horrível e intolerante para todos/as nós, antes de nos debruçarmos na leitura, pois, convenhamos neste ditado justo para a poesia social de Miguel Hernández: “não há revolução sem poesia nem poesia sem revolução”. Boa leitura a todos/as.

Cordialmente,

Prof. Dr. Márcio Antonio de Souza Maciel,
UEMS (Campo Grande), verão de 2022.